

Conceição de Almeida Lopes

ESPECIAL

AJ13911-1

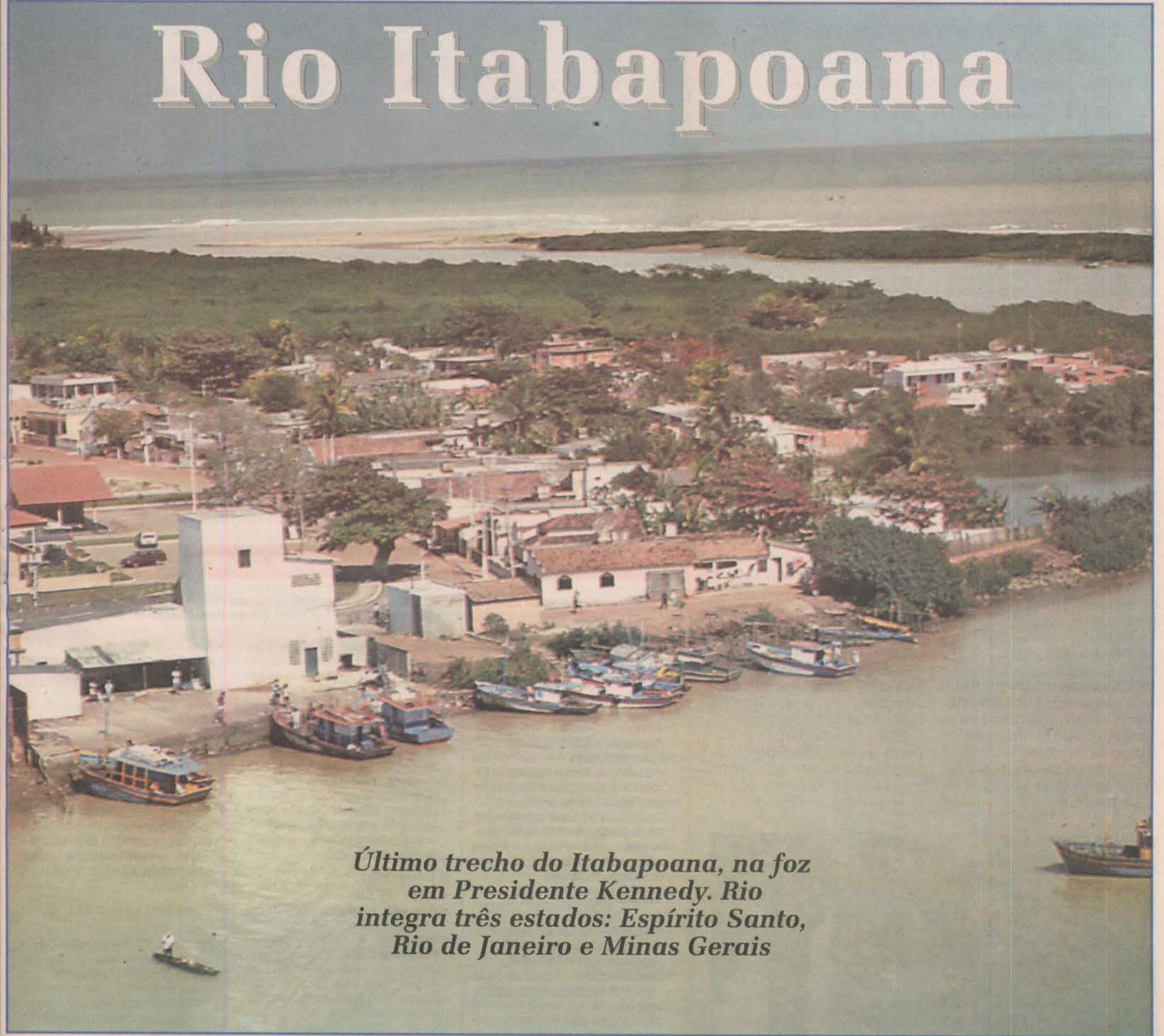
VITÓRIA - ESPÍRITO SANTO

SUPLEMENTO ESPECIAL

DOMINGO - 07/10/2007

Navegando os rios capixabas

Rio Itabapoana



Último trecho do Itabapoana, na foz em Presidente Kennedy. Rio integra três estados: Espírito Santo, Rio de Janeiro e Minas Gerais

Patrocínio

Realização:



Companhia Vale do Rio Doce



Instituto Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos - IEMA

Secretaria do Meio Ambiente e Recursos Hídricos



Comércio de escravos no Itabapoana

O rio sustentou uma sociedade oligárquica e escravocrata, onde o tráfico de negros africanos era uma importante fonte de lucro

GLEBERSON NASCIMENTO

Conhecer a história do rio Itabapoana é mergulhar na sociedade escravocrata do século XIX, caracterizada pela forte projeção econômica da cultura da cana-de-açúcar e o seu beneficiamento, passando para o café e a pecuária.

O mercado escravo foi intenso na região – que compreende 18 municípios dos estados do Espírito Santo, Minas Gerais e Rio de Janeiro – e persistiu às leis abolicionistas com registros de tráfico de africanos na bacia do rio, mesmo após a promulgação da Lei Eusébio de Queiróz (1850), que pôs fim ao tráfico negreiro no País, já que se tratava de uma importante fonte de lucro.

Há registros de que, em março de 1851, ocorreu o desembarque de 115 a 120 negros vindos da costa da África, nos portos dos rios Itabapoana e Piúma (ES).

O município de Campos dos Goytacazes (RJ), o mais importante da região, sediou uma economia canavieira que trouxe consigo um forte investimento em infra-estrutura através de estradas, de energia elétrica e da ferrovia.

A colonização da região do Itabapoana seguiu os caminhos d'água abertos pelos rios das

bacias hidrográficas do Itapemirim, Itabapoana e Paraíba.

Em meados do século XIX, o porto de Limeira, situado no rio Itabapoana, foi um marco importante no processo de colonização e formação de toda a região.

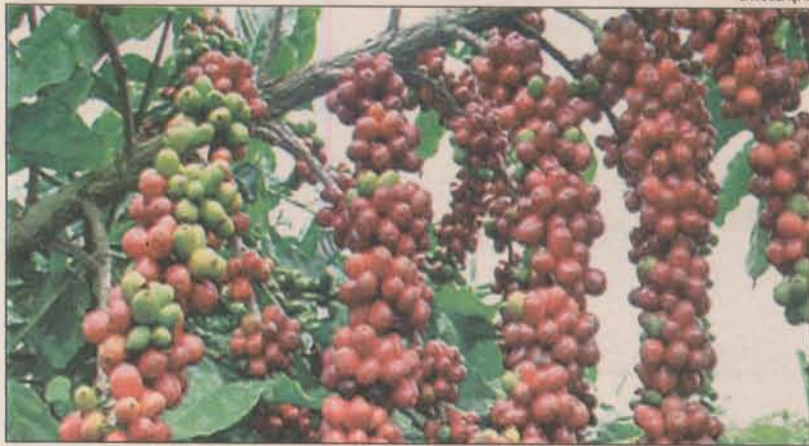
Por ele entravam os navios negreiros e escoava a produção agrícola. A dinâmica econômica da região foi intensificada com a extensão da rede ferroviária que contribuiu para melhor escoar a produção de cana-de-açúcar e de café, permitindo melhoria na comunicação entre os municípios e a cidade do Rio de Janeiro.

A região também recebeu muitos migrantes das províncias mineiras e fluminenses, decorrente da expansão da cultura do café da periferia do Vale do Paraíba para as imensas matas virgens e terras devolutas existentes na região do Itabapoana.

As práticas produtivas e políticas tradicionais da região, fruto do domínio de oligarquias rurais, combinado à crise da agroindústria da cana e ao baixo grau de modernização do binômio café e leite, acarretaram no baixo dinamismo econômico.

Essas características peculiares da história ainda hoje se refletem na estrutura social e econômica da Bacia do Rio Itabapoana.

DIVULGAÇÃO



O cultivo do café foi importante para os municípios da bacia



PONTE SOBRE O RIO ITABAPOANA
Divisa entre os estados do Espírito Santo e o Rio de Janeiro, no início do século passado

INFORMAÇÕES GERAIS

Rio Itabapoana

- **Área de drenagem** – 4.875,46 Km²
- **Principais afluentes no Espírito Santo** – Rios Muribeca, São Pedro, Muqui do Sul, Preto, Calçado, Ribeirão, Barra Alegre, Boa Vista e os córregos São Pedro e São Bento
- **Gerenciamento** – Rio de domínio federal por abranger os estados do Espírito Santo, Minas Gerais e Rio de Janeiro

- **Extensão** – Cerca de 220 quilômetros
- **Nascente** – No Parque Nacional do Caparaó, em Minas Gerais
- **Foz** – No Oceano Atlântico, por meio dos municípios de Presidente Kennedy (ES) e São Francisco do Itabapoana (RJ)
- **Vazão média na foz** – 95,81 m³/s
- **Principais atividades econômicas** – Agricultura (café, cana-de-açúcar e fruticultura), pecuária

leiteira, extrativismo mineral, pesca e indústrias

- **Principais problemas da bacia** – Alteração da qualidade das águas por lançamento de efluentes e resíduos sólidos diretamente nos cursos d'água; Destruição das matas ciliares de rios e nascentes; Abastecimento irregular de água; Extração de areia sem planejamento.

Fonte: Instituto Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (tema)

CONHEÇA OS MUNICÍPIOS DA BACIA

Considerando a identidade histórica, cultural, social, política e econômica que une os 18 municípios da Bacia do Rio Itabapoana, a região foi dividida em microrregiões: o Alto, Médio e Baixo Itabapoana.

ALTO ITABAPOANA

- **Alto do Caparaó (MG)**
 - **Área** – 115 Km²
 - **Principais atividades** – Cafeicultura e turismo
 - **População** – 5.372 habitantes
 - **Fatos marcantes** – O município fica encravado no Parque Nacional do Caparaó, nas divisas dos estados do Espírito Santo e Minas Gerais. Em 1967, para prender oito guerrilheiros do Movimento Nacionalista Revolucionário, que ameaçava o regime militar, seis mil soldados foram enviados à Serra do Caparaó
- **Caparaó (MG)**
 - **Área** – 136 Km²
 - **Principais atividades** – Agropecuária, cafeicultura e turismo
 - **População** – 5 mil habitantes
 - **Fatos marcantes** – O município de Caparaó está estrategicamente posicionado entre os dois portais de acesso ao Parque Nacional do Caparaó. Fauna e flora estão preservadas, além de sítios com forte vocação turística. Destaca-se, ainda, o artesanato local, a agroindústria, as manifestações folclóricas e o Grupo de Estudos Astronômicos da Serra do Caparaó
- **Espera Feliz (MG)**
 - **Área** – 325 Km²
 - **Principais atividades** – Agricultura, pecuária leiteira e silvicultura
 - **População** – 20.528 habitantes

- **Fatos marcantes** – A primeira população que se formou foi a de São Sebastião do Barral, em busca de terras férteis para a agricultura. Já a mineração se deu a partir do século XX. A Ferrovia The Leopoldina Railway Company Limited atingiu o local em 1910. O município recebeu esse nome porque, na segunda metade do século XIX, uma comissão enviada pelo governo imperial de D. Pedro II percebeu que determinado ponto junto à margem do rio São João favorecia a exitosas caçadas, constituindo uma "espera feliz"

Caiana (MG)

- **Área** – 107 Km²
- **Principais atividades** – Cafeicultura e pecuária leiteira
- **População** – 4.367 habitantes
- **Fatos marcantes** – Na zona da mata mineira, seu nome significa em tupi-guarani "índia velha". Seu rio, denominado São João, é um dos formadores do rio Itabapoana

Dores do Rio Preto (ES)

- **Área** – 147 Km²
- **Principais atividades** – Cafeicultura e pecuária leiteira
- **População** – 6.188 habitantes
- **Fatos marcantes** – Inicialmente habitada por índios puris e coroados, chegaram os mineiros e fluminenses no final do século XIX. Depois vieram os italianos e portugueses. Por volta de 1910 foi construída uma igreja, tendo como padroeira Nossa Senhora das Dores, em torno da qual surgiu o Arraial de Nossa Senhora das Dores do Rio Preto. Entre 1912 e 1913 foi construída a Estrada de Ferro Leopoldina. O município também foi palco da Guerrilha do Caparaó.

- **Área** – 147 Km²
- **Principais atividades** – Cafeicultura e pecuária leiteira
- **População** – 6.188 habitantes
- **Fatos marcantes** – Inicialmente habitada por índios puris e coroados, chegaram os mineiros e fluminenses no final do século XIX. Depois vieram os italianos e portugueses. Por volta de 1910 foi construída uma igreja, tendo como padroeira Nossa Senhora das Dores, em torno da qual surgiu o Arraial de Nossa Senhora das Dores do Rio Preto. Entre 1912 e 1913 foi construída a Estrada de Ferro Leopoldina. O município também foi palco da Guerrilha do Caparaó.

Divino São Lourenço (ES)

- **Área** – 175 Km²
- **Principais atividades** – Cafeicultura e pecuária leiteira
- **População** – 4.817 habitantes
- **Fatos marcantes** – Foi povoado em 1902 por imigrantes portugueses, africanos, italianos, libaneses e turcos que ali chegaram no início do século passado. O primeiro povoado foi chamado de Imbuí, que significa "Rio das Cobras", em língua tupi-guarani. As terras pertenciam a João Vicente Soares e foram doadas à Igreja Católica para se transformarem na Vila de Imbuí. Seu nome veio do fato das terras possuírem em escritura a denominação de Divino Espírito Santo e o padroeiro da vila ser São Lourenço



Expediente

Editor

Joel Soprani

Subeditor

Gleberison Nascimento

Diagramação

Carlos Maciel Pinheiro

Edição de fotografia

Renam Martinelli

Rio integra três estados

FONTE: CONSÓRCIO DO RIO ITABAPOANA

A Bacia do Itabapoana passa por 18 municípios, sendo 9 capixabas, 5 fluminenses e outros 4 mineiros, antes de desaguar no Oceano Atlântico

Um rio que nasce mineiro, no Parque Nacional do Caparaó, faz-se ao mesmo tempo capixaba e fluminense, terminando por se lançar no mar de águas do Oceano Atlântico. Esse é o rio Itabapoana, que passa por 18 municípios, unindo naturezas e culturas extremamente ricas.

Nessas cidades, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), vivem uma população de aproximadamente 650 mil habitantes, dos quais pelo menos 250 mil são residentes na área da bacia.

Após percorrer cinco municípios do Rio de Janeiro, nove no Espírito Santo e outros quatro em Minas Gerais, o rio Itabapoana drena uma área de 4.875,46 Km². Seu curso maior serve de di-

visa entre os dois primeiros estados, o que lhe configura a característica de um rio federal e, portanto, está sob jurisdição da União, por meio da Agência Nacional de Águas (ANA).

Os principais formadores do Itabapoana são os rios São João e Caparaó – que nascem em Minas Gerais – e o Rio Preto, que nasce na Serra do Caparaó, no Espírito Santo.

Após percorrer cerca de 220 Km, o Itabapoana deságua em Presidente Kennedy (ES) e São Francisco do Itabapoana (RJ).

Divulgação



Oscar Cordeiro: incentivo

“Esse é o rio que possui o maior cenário geopolítico, já que engloba três unidades federativas. Em todas as outras bacias do Estado de domínio federal, a relação é com Minas Gerais”, lembra o gerente de Recursos Hídricos



Foto aérea mostra áreas dos três estados por onde passa o rio Itabapoana

do Iema, Fábio Ahnert.

Ele explicou que, como se trata de um rio federal, a gestão é compartilhada entre a ANA e os institutos de meio ambiente dos estados: Iema (ES), Igam (MG) e Serla (RJ).

“Cabe à ANA conceder a outorga em rios federais, como o Itabapoana. Porém, se houver a captação de água

de um afluente que nasce em Presidente Kennedy, por exemplo, e deságua no rio Itabapoana, a outorga será feita pelo Iema. Da mesma forma, se a captação ocorrer em tributários dos estados vizinhos, eles serão responsáveis pela gestão”, explica Fábio.

De acordo com diretor da Área de Regulação da ANA,

Oscar Cordeiro Neto, a agência tem o papel de coordenação e trabalha de forma descentralizada.

“Nosso papel é fortalecer as ações dos institutos ambientais nos estados. Para isso, incentivamos para que eles conheçam melhor os usos da água”, conta Cordeiro.

CONHEÇA OS MUNICÍPIOS DA BACIA

MÉDIO ITABAPOANA

■ Guaçuí (ES)

- Área – 468 Km²
- Principais atividades – Cafeicultura, pecuária leiteira e agroindústrias
- População – 25.492 habitantes
- Fatos marcantes – Foi a primeira cidade brasileira a captar direto a imagem de televisão à longa distância e a segunda no mundo. Teve também a primeira estação rodoviária do Espírito Santo. A primeira mulher eleitora do País foi uma senhora nascida em Guaçuí. O monumento do Cristo Redentor, ícone da cidade, com 20,4m de altura, foi construído em apenas 113 dias

■ São José do Calçado (ES)

- Área – 279 Km²
- Principais atividades – Cafeicultura e pecuária leiteira
- População – 10.481 habitantes
- Fatos marcantes – A pequenina e hospitaleira “cidade simpatia entre montanhas e flores” é berço de grandes poetas e escritores



■ Bom Jesus do Norte (ES)

- Área – 85 Km²
- Principais atividades – Pecuária leiteira e cafeicultura
- População – 9.226 habitantes
- Fatos marcantes – Seu principal rio é

o Itabapoana. Por ter um povo simples e acolhedor, recebeu o apelido de “Cidade Sorriso”. O principal ponto turístico é a antiga Usina de Energia Elétrica de Mangaravite, que foi desativada

■ Apiacá (ES)

- Área – 194 Km²
- Principais atividades – Pecuária e cafeicultura
- População – 7.615 habitantes
- Fatos marcantes – Em 1930, com a transferência da sede de São Pedro para o atual distrito de Mimoso do Sul, o novo município passou a se chamar João Pessoa, em homenagem ao herói da revolução. O nome permaneceu até 1943, quando o município passou a se chamar Mimoso do Sul. Naquele mesmo ano, o então distrito de Boa Vista teve seu nome trocado para Apiacá, obe-

decendo a lei federal que obrigou todas as cidades a retomar seus nomes de origem indígena

■ Porciúncula (RJ)

- Área – 302 Km²
- Principais atividades – Agricultura, pecuária, piscicultura e apicultura

- População – 15.952 habitantes
- Fatos marcantes – Tornou-se município em agosto de 1947, desligando-se de Itaperuna. Possui um acervo histórico que conta através de fotografia, documentos e filmes grande parte de sua história.

■ Varre Sai (RJ)

- Área – 680 Km²
- Principais atividades – Pecuária leiteira, cultivo de feijão, milho e hortifrutigranjeiros
- População – 7.850 habitantes
- Fatos marcantes – Onde se localiza a cidade de Varre Sai existia um rancho pertencente à dona Inácia, onde pernoitavam os tropeiros que ali passavam. Para manter o local sempre limpo, ela pedia que eles varressem antes de sair, surgindo então a denominação popular de Rancho do Varre Sai

■ Bom Jesus do Itabapoana (RJ)

- Área – 599 Km²
- Principais atividades – Pecuária e comércio
- População – 33.655 habitantes
- Fatos marcantes – Quando Bom Jesus acaba vem o Espírito Santo... Tanta religiosidade é explicável: lugar de excelente nível cultural e gente cordial, a região é uma dádiva dos céus em belezas naturais. O nome indígena Itabapoana significa “barulho de águas sobre as pedras”

BAIXO ITABAPOANA

■ Muqui (ES)

- Área – 311 Km²
- Principais atividades – Cafeicultura e pecuária
- População – 13.670 habitantes
- Fatos marcantes – Em 1850, migran-

tes de Valença, província fluminense, alichegaram pelo rio Sumidouro, em busca de melhores terras para a agricultura. Os antigos moradores eram pobres, tendo o costume de só saírem das suas choupanas quando o sol já ia alto. Daí o nome de “Arraial dos Lagartos”, conservado até 1902, ano de inauguração da Estrada de Ferro Leopoldina, quando passou a denominar-se Muqui

■ Mimoso do Sul (ES)

- Área – 883 Km²
- Principais atividades – Agropecuária, cafeicultura, criação de bovinos e beneficiamento de mármore e granito
- População – 26.199 habitantes
- Fatos marcantes – A região foi colonizada por pessoas vindas de Minas Gerais e Rio de Janeiro, fixadas na localidade denominada de Limeira, à margem esquerda do rio Itabapoana. Em 1958, surgiu o povoado de São Pedro de Itabapoana (hoje Sítio Histórico de São Pedro de Itabapoana)



■ Presidente Kennedy (ES)

- Área – 587 Km²
- Principais atividades – Extração do petróleo e agropecuária
- População – 9.555 habitantes
- Fatos marcantes – Foi desmembrado de Itapemirim. O local era habitado por índios goytacás. Teve ocupação branca a partir do século XVII, com a formação da Fazenda Jesuítica Muribeca pelo padre André de Almeida

■ São Francisco do Itabapoana (RJ)

- Área – 1.122 Km²
- Principais atividades – Agricultura, pesca e turismo
- População – 41.145 habitantes
- Fatos marcantes – O município é uma vasta planície, rendilhada de pequenos cursos d’água, numerosas lagoas e brejos. É banhado pelo rio Itabapoana no extremo sul e, ao centro, corre o rio Guaxindiba

■ Campos dos Goytacazes (RJ)

- Área – 4.041 Km²
- Principais atividades – Extração do petróleo, cana-de-açúcar, pecuária, fruticultura e agroindústria
- População – 406.989 habitantes
- Fatos marcantes – Os goytacás eram donos dessa fértil planície. Os brancos trouxeram a cana-de-açúcar e os bois. Campos foi palco da libertação dos escravos, tendo à frente a Instituição Emancipadora Campista defensora dos negros. Em 1883, o imperador D. Pedro II inaugurou a luz elétrica em Campos, sendo a cidade pioneira na América do Sul. O presidente Nilo Peçanha nasceu no município

Fonte: Consórcio de Municípios da Bacia do Rio Itabapoana

Pobreza e riqueza lado a lado

Apesar de produzir 80% do petróleo, a renda na Bacia do Rio Itabapoana está concentrada e a região amarga um dos menores IDHs do País

A Bacia do Rio Itabapoana convive com um paradoxo: se por um lado é conhecida por ter sido grande produtora de cana-de-açúcar e, atualmente, se encontrar nela 80% da produção de petróleo brasileiro, por outro figura entre as regiões de menor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do País, com fortes indicativos de pobreza e desigualdade.

Economicamente, o território é caracterizado pela atividade produtiva do setor primário: café, pecuária, cana-de-açúcar, fruticultura e extrativismo mineral.

Porém, a partir da década de 70, o município de Campos dos Goytacazes (RJ) passou a ter sua receita municipal engordada pelo recebimento de royalties do petróleo, o mesmo ocorrendo em Presidente Kennedy (ES), a partir do ano de 2003, pela inclusão nos campos de Roncador e Jubarte, onde está a plataforma P-34.

Atualmente cerca de 50% da receita de Presidente Kennedy está voltada para a atividade, mas o impacto gerado pelo petróleo ficou restrito às administrações públicas, que recebem recursos a partir da Lei de Royalties.

Os municípios não se beneficiam diretamente, pois a ca-

deia do petróleo não foi implantada em sua totalidade na região. Apenas o município de Macaé (RJ) recebeu a instalação das empresas ligadas ao setor.

"Em 2006, Presidente Kennedy recebeu R\$ 550 por pessoa em royalties, enquanto Mimoso do Sul, que é vizinho, ficou com apenas R\$ 81. Para promover uma melhor distribuição para os municípios que não estão em áreas de exploração, o governo do Estado passou a dividir o bolo. Mesmo os percentuais sendo pequenos, já é um avanço", conta o gerente de Recursos Hídricos do Iema, Fábio Ahnert.

Nos últimos anos, começou a ganhar força o agroturismo. Mas a participação da região do Itabapoana no PIB brasileiro é de apenas 0,94%. Considerando que o município de Campos dos Goytacazes representa 87,25% do PIB da bacia, os outros 17 municípios representam apenas 0,12% do PIB brasileiro.

Do total dos municípios do Itabapoana, 88,9% possuem IDHs abaixo da média do Brasil e 11,1% estão acima da média, mas não representam um destaque no País.

Cabe lembrar que, dos 18 municípios que integram a bacia, oito estiveram incluídos no Comunidade Solidária, do governo federal, o que ratifica as precárias condições sócio-econômicas da região.

Fruticultura ganha destaque

Se por um lado há uma significativa redução da área colhida de cana-de-açúcar e de arroz, em contrapartida é notável a expansão do abacaxi, maracujá, morango, coco e banana.

Na região, existem iniciativas promissoras de produção, comercialização e industrialização de frutas em

maior escala, ocorridas, sobretudo, com o abacaxi, a goiaba e com o maracujá.

A goiaba já é produto tradicional no município de Campos dos Goytacazes (RJ), que detém uma indústria de produtos processados desta fruta, como geleias, compotas e doce em massa, por exemplo.



O abacaxi é uma das frutas que estão sendo mais plantadas



Ilustração mostra o campo de Jubarte, onde está a P-34, que gera royalties para o Sul do Estado

Potencial turístico e agroturismo

A região do Alto Itabapoana – Alto Caparaó, Caparaó (MG), Dorés do Rio Preto e Divino São Lourenço (ES) – apresenta maior potencial para o turismo ecológico, face à proximidade com o Parque Nacional do Caparaó, onde se encontram o Pico da Bandeira e a nascente do rio Itabapoana.

Esses municípios foram grandes centros produtores de café e guardam ainda muitas fazendas. A área urbana de Muqui conta com um casario antigo muito bem conservado.

"Temos o maior sítio histórico do Espírito Santo com 186 imóveis tombados, construídos no início do século XIX", conta o prefeito de Muqui, José Paulo Viçosi, o Frei Paulão. Também está sendo valorizado o agroturismo, que ganha cada vez mais destaque.

Indústrias são pouco expressivas

As atividades industriais são pouco expressivas e os setores de serviços e comércio têm forte dependência dos municípios pólo, como Campos dos Goytacazes (RJ), Itaperuna (RJ), Cachoeiro de Itapemirim (ES), Carangola e Manhuaçu (MG).

A capacidade financeira dos municípios é baixa, visto que eles são altamente dependentes de repasses federais ou do recebimento de royalties do petróleo. Os municípios do Itabapoana representam apenas 1,6%, 7,17% e 0,09% dos PIBs do Espírito Santo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, respectivamente.

Desta forma, a Bacia do Itabapoana pode ser considerada uma região de baixo dinamismo econômico e pouca representatividade no Brasil e nos seus respectivos estados.

ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DA BACIA

Relevo favorece produção de energia

A bacia apresenta um relevo acidentado, no Alto e Médio Itabapoana, com inúmeras cachoeiras, que favorecem a geração de energia. Mais à jusante, o rio corre por uma extensa área de planícies, antes de chegar ao mar.

"A área do alto curso está em Minas Gerais, com as mais distantes nascentes. O leito do rio divide a bacia em duas: à margem direita, fica o Rio de Janeiro, e, à esquerda, o Espírito Santo", explica o professor do Departamento de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Jorge Soares Marques.

Baixa cobertura florestal

A cobertura vegetal original, em toda região, foi bastante modificada ao longo da história, havendo atualmente apenas algumas áreas de fragmentos florestais remanescentes da Mata Atlântica.

"A questão da perda de cobertura florestal é muito grande na bacia. Com a exposição do solo, há perda da biodiversidade e carreamento de sedimentos para o leito do rio, o que pode trazer problemas para a sua foz. Consequência: já há vestígios de desertificação em algumas áreas", conta o gerente de Recursos Hídricos do Iema, Fábio Ahnert.

Caparaó: caixa d' água do Sul

A parte baixa da Bacia do Rio Itabapoana, mais próxima à foz, possui, em média, os maiores déficits hídricos da região (-350mm a -550mm de chuva ao ano). Entretanto, na parte alta chove mais do que evapora, o que proporciona superávits de 50mm a 1000mm.

"O Vale do Caparaó funciona como uma grande caixa d' água de toda essa região. A nascente do rio Itabapoana está no vale e ela tem influência direta na bacia vizinha, a do rio Itapemirim", explica o gerente de Recursos Hídricos do Iema, Fábio Ahnert.

Municípios pequenos e rurais

A Bacia do Itabapoana é composta quase que exclusivamente por municípios demograficamente pequenos, ou seja, com menos de 50 mil habitantes. Em cidades desse porte é comum um baixo grau de especialização e diversificação das atividades produtivas.

"A grande maioria apresenta uma proporção de população rural bem acima da média brasileira, em torno de 20%, com Presidente Kennedy apresentando a maior taxa (74%), seguido de Divino de São Lourenço (67%) e Caparaó (64%)", explica o professor da Universidade Federal Fluminense (UFF) Airton Bodstein.

Fundo para financiar projetos

A013911-5

A proposta é de que recursos dos royalties do petróleo, do setor elétrico e de rochas ornamentais financiem melhorias

As bacias hidrográficas do Estado, incluindo a do rio Itabapoana, deverão ganhar um fundo especial, com recursos que serão destinados ao financiamento de projetos de recuperação de nascentes, áreas degradadas e, dependendo do seu volume, até mesmo para implantação de estações de tratamento de água e esgoto.

De acordo com o gerente de Recursos Hídricos do Iema, Fábio Ahnert, o fundo terá como finalidade, ainda, a melhoria da condição da bacia de tal forma que ela tenha água suficiente para suportar o crescimento econômico dos municípios que a compõem.

Segundo ele, o Fundo Estadual de Recursos Hídricos deverá ser alimentado com parte dos royalties do petróleo, do setor elétri-

co e de rochas ornamentais.

“Dessa forma, os royalties irão proporcionar uma condição de crescimento econômico, com aumento de demanda de água e uso racional dos recursos. Para isso, é fundamental que os processos sejam outorgados e os empreendimentos constem nos planos de bacia”, frisa.

Segundo o gerente, essa iniciativa já foi tomada por Minas Gerais e São Paulo. “A proposta é que o Iema faça a gestão, apoiado num conselho consultivo formado pelos comitês de bacias hidrográficas, que participarão efetivamente de sua operacionalização. Os projetos contemplados serão aqueles indicados nos planos de bacia”, explica.

Dessa forma, conta, os benefícios não ficarão restritos ao mu-

nicípio, mas ao contexto de toda a região incluída na bacia hidrográfica.

A proposta de sua criação está sendo discutida no Conselho Estadual de Recursos Hídricos (CERH) e já recebeu parecer favorável da Câmara Técnica.

Assim que os últimos ajustes forem realizados, a secretária de Meio Ambiente e Recursos Hídricos, Maria da Glória Abaurre, irá encaminhar a proposta ao governador Paulo Hartung.

Em seguida, após a análise do Executivo, ela será enviada, na forma de projeto de lei, à Assembleia Legislativa, para a apreciação dos deputados estaduais.

“Acredito que até o final deste ano já tenhamos condições de encaminhar esse projeto à Assembleia e, a partir do ano que vem, a proposta esteja implementada”, prevê.



Rio Muqui do Sul, afluente do Itabapoana: proposta garante recurso para ajudar na preservação

OUTRAS INICIATIVAS DO IEMA

Seminários – O instituto agendou a realização do “Seminário Sobre o Uso Racional da Água: Outorga é Instrumento de Gestão”, iniciativa do Conselho Estadual de Recursos Hídricos (CERH), em diversas bacias, para explicar aos usuários a importância da outorga.

Cadastro – Um outro projeto, que está voltado para todo o Estado, inclusive para a Bacia do Itabapoana, é o Cadastro de Usuários, que faz parte do Programa Águas Limpas.

Por meio dele, está sendo estruturado um completo banco de dados, que irá fornecer informações sobre quem, como e em qual quantidade a água está sendo utilizada. O cadastro dará suporte ao processo de outorga. A previsão é de que o trabalho seja concluído até o final do ano e, no início do próximo, ele esteja em pleno funcionamento.

Planos de bacia – Um outro projeto é a proposição de diretrizes para os planos de bacias hidrográficas, que também vai contemplar a Bacia do Rio Itabapoana.

Essas diretrizes são um conjunto de sugestões, de regras, para que os comitês ou as organizações de recursos hídricos da bacia detalhem mais e formulem seu Plano Diretor de Bacia Hidrográfica. A previsão de conclusão é em janeiro, mas antes disso haverá um workshop com os comitês, ainda sem data definida, para sua apresentação.

Águas subterrâneas – A proposta é de se fazer um estudo, um mapeamento hidrogeológico do Estado. Numa primeira fase, ele foi concentrado na região Norte, em função do grande déficit hídrico. A bacia do Itabapoana será contemplada na segunda etapa.

Fonte: Instituto Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Iema)

Enchentes causam prejuízos

A113911-6

A natureza, aliada à ação predatória do homem, eleva a ocorrência de inundações na Bacia do Rio Itabapoana

GLEBERSON NASCIMENTO

As condições climáticas adversas e a ação direta do homem sobre o meio ambiente têm resultado numa fórmula desastrosa para muitos municípios da Bacia do Rio Itabapoana: a ocorrência de enchentes, que destroem plantações e invadem casas e o comércio, causando enormes prejuízos.

Freqüentes nas cidades de Bom Jesus do Norte e Mimoso do Sul, as cheias do rio ocorrem porque o ciclo hidrológico da região não é bem distribuído ao longo do ano, havendo uma concentração de chuvas fortes no período do verão, o que contribui para que a bacia tenha um pico de vazão diferenciado nessa época do ano.

"É uma bacia que os eventos hidrológicos não são tão homogêneos. Nos momentos de chuva, a vazão máxima fica bastante dilatada e a área não consegue drenar toda a água em pouco tempo", explica o analista de Meio Ambiente e Recursos Hídricos do Iema Robson Monteiro.

Além disso, segundo ele, outras ações contribuem, como a perda de cobertura vegetal, somado ao problema do pisoteio do gado: à medida que o animal pisoteia o pasto, o peso compacta o solo dificultando a in-

filtração, o que eleva o escoamento superficial. Nas áreas urbanas, as ocupações irregulares ao longo do rio acabam por aumentar a possibilidade de inundações.

"Todo o rio tem o que chamamos de leito maior, que na verdade nada mais é do que uma adaptação natural aos eventos críticos. Como boa parte do período esse leito maior não está ocupado, isso leva as pessoas a imaginarem que se trata de uma área segura. Na ocorrência do evento crítico (cheia), a área acaba inundada", analisa.

O gerente de Recursos Hídricos do Iema, Fábio Ahnert, defende que, para resolver o problema das enchentes, é preciso conscientização.

"São necessárias ações integradas. Os proprietários rurais precisam manter as matas ciliares. O solo exposto favorece a erosão e o assoreamento dos rios. Com as chuvas pesadas, ocorrem as inundações. Já a prefeitura tem de fazer o planejamento da cidade, por meio do Plano Diretor Municipal (PDM), evitando os loteamentos irregulares", aconselha.

O professor de Engenharia Ambiental da Ufes Antonio Sérgio Ferreira Mendonça sugere ainda que os municípios atingidos implantem um Plano Diretor de Drenagem Urbana.

ANA prepara monitoramento

O diretor da Área de Regulação da Agência Nacional de Águas (ANA), Oscar Cordeiro Neto, informou que a instituição, que é responsável pelo gerenciamento da Bacia do Rio Itabapoana, prevê a implantação do Projeto "Rede de Alerta" na região.

Trata-se de um sistema de monitoramento de cheias, que medirá as vazões da água na cabeceira do rio e, em parceria com

a Defesa Civil dos municípios, vai avisar à população quando ele começar a subir muito.

"Estamos discutindo a aplicabilidade do projeto na Bacia do Itabapoana. Como agimos em parceria com o Iema, no Espírito Santo a instituição deverá estar à frente da iniciativa junto aos municípios atingidos", explicou Cordeiro, sem definir data para implantação do projeto.

Mimoso do Sul tem projeto

O problema das enchentes é agravado em Mimoso do Sul, uma cidade construída às margens do Muqui do Sul, um importante tributário do rio Itabapoana. A existência dos córregos da Serra, Santa Marta e Bel Monte, que desembocam nas áreas urbanas, eleva a possibilidade de alagamentos.

De acordo com o engenheiro civil da Prefeitura de Mimoso do Sul José Renato Rodrigues, a cidade chega a ser inundada duas vezes por ano. Na última cheia, os alagamentos atingiram 70% das casas e, no Centro, a prefeitura teve salas em que a água chegou a 70cm de altura.

Segundo ele, para reverter o problema, está sendo elaborado um Projeto de Macrodrenagem, que na sua primeira etapa vai propor solução para o "cotovelo",

curva longa que represa o rio, alagando a parte acima da cidade, próximo à Cooperativa de Laticínios de Mimoso do Sul (Colamisul).

Num segundo momento, explica, será retirada a areia do rio, haverá a limpeza das margens e plantio de mata ciliar. O projeto será entregue até o final do ano e as obras devem ocorrer no ano que vem.

Outra iniciativa é a elaboração do Plano Diretor Municipal, que está a cargo da Fundação Ceciliano Abel de Almeida, e deverá ser entregue em breve. Nela, haverá maior controle das construções às margens do rio e nas encostas. A prefeitura também está preste a concluir um aterro sanitário na localidade de Boa Esperança.



Enchente do rio Itabapoana: inundações trazem prejuízos aos moradores da região

OUTROS PROBLEMAS DA BACIA

ESGOTO "IN NATURA"

Os principais aglomerados urbanos estão em Campos dos Goytacazes, Bom Jesus do Itabapoana, Porciúncula (RJ), Mimoso do Sul, Guaçuí (ES) e Espera Feliz (MG).

A falta de tratamento de resíduos sólidos, na grande maioria dos municípios, e o lançamento "in natura" dos esgotos ao longo dos rios remetem a uma permanente preocupação com a possibilidade de agravamento da qualidade das águas da bacia.



ESTRADAS MAL PLANEJADAS

A maioria das estradas vicinais de terra atua como difusoras de irreversíveis danos ambientais. Mal planejadas, elas coletam e transportam as águas da chuva por grandes extensões, degradando o trecho.

As enxurradas ocasionam erosões, retirando vastas áreas de solo. São fontes, também, de assoreamento, o que reduz o potencial hídrico regional e compromete a utilização da água.

CONSTRUÇÕES IRREGULARES

Restrito à faixa litorânea, o desenvolvimento de atividades turísticas tem sido encarado como um problema sério para os cursos d'água.

Os loteamentos, hotéis e construções - ilegais ou não - não dispõem de locais adequados para a deposição de lixo nem de Estação de Tratamento de Esgoto. Além disso, na Bacia do Itabapoana é comum perceber cidades "dentro" do rio.

DESMATAMENTO, PECUÁRIA E AGROTÓXICOS

O desmatamento, a pecuária e a larga utilização de agrotóxicos são alguns dos responsáveis pelos grandes problemas ambientais da região, que tendem a se agravar por falta de infra-estrutura e de uma política ambiental adequada.

Outro problema na bacia diz respeito à erosão e ao desmoronamento de encostas. Também há destruição dos mangues e os desmatamentos dos poucos remanescentes de mata ciliar.



DÉFICIT HÍDRICO E DESERTIFICAÇÃO

Se por um lado as cheias são responsáveis por alagamentos que causam prejuízos em Mimoso do Sul, por outro existe um problema de déficit hídrico em Presidente Kennedy, ocasionando áreas de desertificação.

"Esse déficit é tão significativo quanto o que ocorre no extremo Norte do Estado. Em épocas secas, é comum pragas dizimarem pastagens e plantações", explica o professor de Engenharia Ambiental da Ufes Antonio Sérgio Ferreira Mendonça.

EROSÃO COSTEIRA

Um outro sério problema da região é a erosão costeira, que já destruiu um distrito inteiro de Campos dos Goytacazes (RJ) e já trouxe prejuízos consideráveis a municípios litorâneos capixabas.

"Tudo que acontece na bacia acaba se refletindo no seu baixo curso, que tem de se ajustar às mudanças de seus regimes de transporte de águas e sedimentos. E, quase sempre, com níveis de poluição", analisou o professor de Geografia da UERJ Jorge Soares Marques.

Problema vira mestrado na universidade

O problema das cheias na Bacia do Rio Itabapoana deu origem ao primeiro mestrado de Defesa e Segurança Civil da América Latina, que é oferecido pela Universidade Federal Fluminense (UFF), em Niterói (RJ), numa parceria com a Secretaria Nacional de Defesa Civil do Ministério da Integração Nacional.

De acordo com o coordenador do mestrado, professor Aírton Bodstein, que também coordena o Projeto Managé na Bacia do Itabapoana, o objetivo é aumentar a massa crítica dos profissionais em segurança civil no País, principalmente nas prefeituras, órgãos estaduais e nas empresas que atuam na área.

"Cabe lembrar que mais de 50% dos desastres no País estão associados a recursos hídricos. Nada adianta pensar em desenvolvimento sustentável se as populações, principalmente as mais carentes, estão vulneráveis a acidentes de grandes proporções", avalia.

A primeira turma do mestrado, composta de 15 alunos, teve início em agosto deste ano e a próxima iniciará os estudos em março de 2008. Informações: mestrado@defesacivil.uff.br ou pelos telefones (21) 2629-5580/5493.



Professores da UFF

Investimento em obras de saneamento

AJ13911-7

A Cesan vai investir R\$ 3,2 milhões em obras nos municípios que integram a Bacia do Rio Itabapoana até 2010

A Companhia Espírito-Santense de Saneamento (Cesan) programou investimentos de R\$ 3,2 milhões em obras para melhorar o abastecimento de água e a coleta e tratamento de esgoto em alguns municípios banhados pelo rio Itabapoana.

Em Bom Jesus do Norte, a empresa planeja investir R\$ 2,2 milhões na ampliação do sistema de abastecimento de água e construção de reservatório, além de complementação do sistema de esgotamento sanitário da sede do município, beneficiando mais de 9 mil pessoas.

Em São José do Calçado estão previstas a substituição de 700 metros de redes de distribui-

ção e a reforma da Estação de Tratamento de Água (ETA), bem como a construção da nova captação, com investimentos da ordem de R\$ 550 mil, beneficiando cerca de 8 mil pessoas.

Em Apicacá, nos próximos três anos, a empresa planeja investir R\$ 220 mil em melhorias no sistema de abastecimento de água, compreendendo captação, adutora de água bruta e redes de distribuição, além de melhorias na ETA, beneficiando mais de 4 mil pessoas.

Para o município de Dorés do Rio Preto, a companhia destinará R\$ 220 mil para serem aplicados na reforma da ETA e na construção da nova captação de água bruta por gravidade e implantação de 3 mil metros de



A Estação de Tratamento de Esgoto de Bom Jesus do Norte recebeu melhorias

redes adutoras de água, atendendo a 2 mil habitantes.

CONSÓRCIO

A Cesan também participa da Bacia do Rio Itabapoana por meio do consórcio do rio, atualmente presidido pelo prefeito de Muqui, José Paulo Viçosi, o Frei Paulão.

A companhia repassa mensalmente ao consórcio o valor de R\$ 2 mil, com o objetivo de fomentar a criação de um comitê de bacia. No dia 29 de abril deste ano, foi realizada a descida ecológica do rio, que contou com a participação de três representantes da Cesan.

Obras trazem benefícios

Nos últimos quatro anos, a Cesan aplicou R\$ 710 mil em municípios da Bacia do Rio Itabapoana, melhorando a qualidade de vida da população local.

Em Bom Jesus do Norte, foram realizados serviços de ampliação do sistema de esgotamento sanitário da sede e melhorias em estações elevatórias de esgoto e na Estação de Tratamento de Esgoto (ETE), num total de R\$ 200 mil. Ainda foram construídos quase mil metros de redes de água e 736m de redes coletoras de esgoto.

Em Divino de São Lourenço,

foram feitas melhorias na Estação de Tratamento de Água (ETA), em elevatórias de água tratada e captação, além da construção de 800 metros de rede de distribuição, no valor de R\$ 54 mil.

Em São José do Calçado, foram investidos R\$ 456 mil na construção de reservatório do sistema de abastecimento de água da sede, com capacidade para 540 mil litros, e em melhorias físicas na ETA e construção de três mil metros de redes de distribuição, beneficiando um total de 8 mil habitantes.

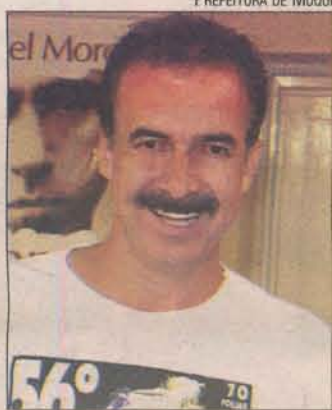
Itabapoana vai ganhar comitê

Membros do consórcio da bacia realizam preparativos para eleger no mês que vem a diretoria provisória

O Consórcio da Bacia do Rio Itabapoana – formado pelas 18 prefeituras dos estados do Espírito Santo (9), Rio de Janeiro (5) e Minas Gerais (4) – está realizando os últimos preparativos para eleger, a partir do mês que vem, a diretoria provisória do seu Comitê de Bacia Hidrográfica (CBH).

“Estamos fazendo os ajustes finais para criação do comitê, que vai nos possibilitar futuramente a cobrança pelo uso da água”, informa o diretor-presidente do consórcio, o prefeito de Muqui, José Paulo Viçosi, o Frei Paulão.

Ele lembra que no último mês de agosto, uma equipe do consórcio realizou uma visita ao Comitê dos Rios Piracicaba, Capivari e Jundiá, a Bacia do PCJ, em São Paulo, que foi pioneira no País com a introdução do modelo francês em que a gestão das águas é feita de forma compartilhada entre o poder pú-



Frei Paulão: preservação

blico, os usuários e a sociedade civil organizada.

“Fomos conhecer de perto a experiência bem-sucedida deles. Lá, já há até agência de bacia. Quem faz uso da água paga uma taxa que é remetida à Agência Nacional de Águas (ANA) que, por sua vez, repassa ao comitê para ser empregado em ações de preservação”, explica.

Quem também está animado é o técnico administrativo do consórcio, José Edmundo Victor. Segundo ele, o ambiente é favorável à instalação do CBH Itabapoana.

“O processo vem sendo construído ao longo dos últimos 10 anos a várias mãos. Avançamos, mas precisamos seguir ainda mais adiante”, avalia.

Para a analista de Meio Ambiente e Recursos Hídricos do Iema Ananda Bermudes Coutinho, um dos aspectos que favorecem a instalação do comitê é o sentimento de “cidadão itabapoanense”.

Desafio é unificar políticas

Com grande diversidade demográfica e natural, o maior desafio da região da Bacia do Rio Itabapoana é unificar as políticas de desenvolvimento sustentável, incorporando todos os 18 municípios que compreendem a área.

“A gestão de uma bacia hidrográfica implica na criação de um comitê gestor único, com a participação obrigatória de todos os envolvidos, e definição de uma só política a ser respeitada e cumprida por todos”, defende o professor da Universidade Federal Fluminense (UFF) Airton Bodstein de Barros.

Professor Airton, que coordena há 10 anos o Projeto Managé na região, defende uma gestão integrada dos atores para se alcançar melhores resultados.

“Temos 18 municípios, de três estados diferentes, com legislações próprias, por vezes até conflituosas. É preciso que os secretários de Planejamento sentem para conversar”, sugere o professor.

Dentre os problemas causados pela falta de unidade, o professor aponta a diferença de alíquota do ICMS, que provoca a compra de combustíveis por

consumidores capixabas diretamente no mercado do Rio de Janeiro.

Ele lembra ainda da poluição gerada por mau destino dos resíduos sólidos e do esgotamento sanitário de alguns municípios contaminando outros ou a bacia como um todo.

“Os sistemas de saúde e de educação também ficam altamente comprometidos nos municípios de estados fronteiriços, uma vez que fica difícil prever a demanda real pelos serviços públicos”, acrescenta.

E prossegue: “Não é à toa que as regiões fronteiriças são as mais pobres e que mais demandam serviços básicos. Essas áreas acabam esquecidas porque os administradores só olham para o seu lado e vêem os vizinhos como estrangeiros.”

Para inverter essa lógica, a bacia foi inserida no Programa Nacional de Mesorregiões Diferenciadas, do Ministério da Integração Nacional, cuja política olha para o que os municípios têm em comum física, cultural, social e economicamente para promover o desenvolvimento.



Os municípios de Bom Jesus do Norte (ES) e Bom Jesus de Itabapoana (ES) são unidos por uma ponte

MANAGÉ, ONDE TUDO COMEÇOU

A chegada do Comitê de Bacia Hidrográfica (CBH) do Rio Itabapoana é resultado da semente lançada pela Universidade Federal Fluminense (UFF), que em 1995 deu início a um modelo de planeja-

mento e administração que ultrapassa as fronteiras políticas e regionais.

Através dele, lideranças locais e comunitárias estão sendo ouvidas e as decisões relacionadas com obras, saneamento,

educação e meio ambiente passam a fazer parte de uma política para a própria bacia. O centro de suas preocupações é os recursos hídricos e todas as melhorias sociais e econômicas advindas de suas soluções.

Como ele teve início?

A Universidade Federal Fluminense (UFF) iniciou, em 1995, a elaboração de um projeto pioneiro no que tange a ações integradas de ensino, pesquisa e extensão, aplicadas à gestão pública, denominado Projeto Managé – Programa de Desenvolvimento Regional Sustentado da Bacia Hidrográfica do Rio Itabapoana.

Por que managé?

Palavra da língua tupi, managé era o nome dado pelos índios puri ao Rio Itabapoana. Etimologicamente, quer dizer “reunião do povo”.

Qual é o seu objetivo?

Visa subsidiar, por meio de pesquisas, propostas e ações concretas, o desenvolvimento sustentado e integrado da região da bacia, formada por 18 municípios do Espírito Santo, de Minas Gerais e do Rio de Janeiro.

As ações estão voltadas para a recuperação das matas ciliares, da cobertura florestal e das nascentes; educação ambiental; estabelecimento de política de geração de emprego e renda; treinamentos a professores e agricultores; ações nas áreas de saneamento, dentre outras.

Como foi feito o trabalho?

Foram montadas 10 equipes temáticas envolvendo pesquisadores, técnicos e alunos das universidades federais Fluminense, do Espírito Santo, de Viçosa e do Rio de Janeiro, que durante um ano e meio realizaram dezenas de visitas técnicas à região, realizando análises e co-

letando dados e informações secundárias.

No segundo momento, os dados foram encaminhados aos poderes públicos municipais, estaduais e federal, e discutidos. Em seguida, o Managé elaborou o Sistema Integrado de Gestão do Desenvolvimento Sustentável da Bacia do Rio Itabapoana (Sisgebi), que é inédito no País e está baseado num modelo participativo, descentralizado e qualificado.

Qual o prazo de validade?

Ele tem um horizonte de 20 anos de duração no que se refere à atuação direta da UFF e foi dividido em cinco fases de quatro anos cada uma.

No primeiro momento, uma das ações de combate à pobreza era a recuperação do potencial pesqueiro do Itabapoana, por meio do peixamento do rio.

Quais foram os resultados alcançados?

- **Capacitação** – Treinamento de mais de 17 mil pessoas, em programas de capacitação para a geração de emprego e renda.
- **Perfil** – Elaboração de um perfil sócio-econômico, político e ambiental da bacia – um relatório de 250 páginas, onde constam todos os dados e informações levantadas pelos grupos temáticos.
- **Mapa** – Delimitação digital da Bacia Hidrográfica do Rio Itabapoana. Também foram produzidos mapas das características econômicas e de produção da bacia, perfil do emprego e da renda dos municípios.
- **Diagnóstico** – Produção de dados hidrológicos, da qualidade da água e uso potencial para a indústria.

PROJETO MANAGÉ



Professor Airton de Barros coordena o projeto Managé

- **Levantamento** – Identificação dos ecossistemas existentes, assim como da fauna e da flora da região, das áreas de destino do lixo.
- **Estudos** – Informações colhidas junto às comunidades apontaram níveis de analfabetismo e foi realizado um diagnóstico da saúde bucal nos municípios de São José do Calçado, Apiacá, Mimoso do Sul e Guaçuá.
- **Conselho** – Criação e instalação de Conselhos Municipais de Desenvolvimento Sustentável (CMDs). O conselho tem caráter consultivo. O prefeito exerce a presidência.
- **Fórum** – Criação e instalação do Fórum de Desenvolvimento Sustentável da Mesorregião da Bacia do Itabapoana. Ele tem o objetivo de integrar os diferentes segmentos da sociedade para discutir e propor diretrizes sócio-políticas, econômicas e ecológicas.
- **Cadeias produtivas** – Desenvolvimento do associativismo e cooperativismo através de ações nas áreas de turismo (criação do modelo específico de Turismo Rural Integrado Mesorregional, o Turim, além de um projeto de sinalização turística para o circuito do Capará), fruticultura (realização de cursos e introdução do morango) e piscicultura (caracterização da biodiversidade aquática e perfil dos pescadores).
- **Financiamento** – Parceria com o Banco do Brasil para financiamento de pequenos produtores.
- **Artesanato** – Criação da Associação Regional de Artesanato, Agroindústria e Turismo dos Municípios da Bacia do Rio Itabapoana (Manarte), com incentivo à atividade.
- **Cinema** – Apoio a programas culturais: apresentação de filmes em sistema digital, seguidos de debates ou com discussões nas escolas nos casos dos filmes infantis. Com apoio do projeto Cine-BR Distribuidora, em todos os municípios da bacia.
- **Teatro** – Exibição da peça de teatro sob o tema: “Guardiões das Águas”, produção artística da própria região, apoiada para ser apresentada em todos os municípios da bacia.
- **Livro** – Elaboração de um livro infantil sobre educação ambiental e cidadania a ser trabalhado em todas as escolas da região em parceria com o consórcio e o Ministério da Integração Nacional.

Fonte: Professor da Universidade Federal Fluminense (UFF) Airton Bodstein de Barros, coordenador do Projeto Managé

Caldeirão de culturas no Itabapoana

A bacia abriga as mais diversas manifestações culturais, que servem como laço de identificação entre os municípios da região

Os bonecos, o Boi Pintadinho, o Bicho Jaraguá, "de corpo de gente e cabeça de animá", as danças de quadrilha, as rodas negras do Jongo tantas vezes organizadas para saudar Santo Antônio e, principalmente, as Foliás de Reis que, a cada ano, revivem na fé a viagem dos três Reis Magos a Belém, para visitar o Cristo nascido.

Essas são apenas algumas das manifestações culturais que fazem da região da Bacia do Rio Itabapoana um caldeirão de culturas, em que se mesclam elementos religiosos e profanos. A pesquisa e o resgate de todo esse universo de simbolismo foi realizado pelo Projeto Resgate Cultural da Bacia do Rio Itabapoana, uma iniciativa do Sebrae do Es-

pírito Santo, de Minas Gerais e Rio de Janeiro, por meio da Fundação de Arte de Ouro Preto (Faop).

Ao todo, foram 19 municípios pesquisados e 24 oficinas realizadas entre os meses de novembro de 2003 e julho de 2004. O trabalho reuniu pesquisadores, fotógrafos, escritores e historiadores, além de 420 alunos, paróquias e associações de artesãos.

"Por meio do projeto, foram identificados mestres detentores de saberes e afazeres tradicionais, que se encontram em risco de desaparecimento na região", explicou o diretor-presidente do Consórcio da Bacia do Rio Itabapoana, o prefeito de Muqui, José Paulo Viçosi, o Frei Paulão.

Ele lembrou que o município realiza o maior encontro de Folia de Reis do País. "Acontece,



"Boi Pintadinho" nas ruas de Muqui: tradição é valorizada pela comunidade local

desde ontem, o 57º Encontro Nacional de Folia de Reis, que reúne 90 folias do Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Bahia e Espírito Santo", conta.

Em São Pedro do Itabapoana, Mimoso do Sul, as rodas de sanfona e viola são comuns nas esquinas e bares e dão harmonia sonora ao cenário remanescente do ciclo cafeeiro: uma igreja do final do século XIX ao centro e, ao redor, o belo casario preservado sobre ruas de pedra. Há 20 anos, o povoado foi tombado como patrimônio cultural e, há 10, sedia o Festival de Inverno de Sanfona e Viola. O evento reúne músicos e turistas de todo o País.

Artesanato encanta turistas

O artesanato em palha, em couro, selarias, trabalhos com sementes, cipós, bambus, taboas, palhas de milho e bananeira, bordados, entre outras manifestações artísticas, também têm destaque na Bacia do Rio Itabapoana.

Os trabalhos se configuram numa importante fonte de renda para artesãos que, com a arte, encantam turistas. "Produzimos mais de 50 qualidades de licores e geleias exóticas (de pimenta, caçaça, canela, gengibre, entre outros)", completa Elizia Maria DelFiume, coordenadora e tesourei-

ra da Associação, Regional de Artesanato, Agroindústria e Turismo da Bacia do Rio Itabapoana (Manarte).

Segundo ela, cada um dos 18 municípios da bacia tem uma associação e ela faz parte da Manarte, que reúne cerca de 300 artesãos. A sede está localizada em Bom Jesus do Itabapoana e há uma sucursal em Campos dos Goytacazes (ambas no Rio de Janeiro). Os cursos de gestão em artesanato, associativismo, marketing e comercialização são oferecidos pelo Sebrae.

Serra das Torres, paraíso intocado

INSTITUTO IPEMA

A região poderá abrigar a primeira Unidade de Conservação da Bacia do Itabapoana, por possuir espécies em extinção e não catalogadas

A Serra das Torres, entre Mimoso do Sul, Muqui e Atílio Viváqua, poderá ser constituída pelo Instituto Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Iema) na primeira Unidade de Conservação (UC) da Bacia do Rio Itabapoana. A área, de 14 mil hectares, abriga uma das maiores variedades de espécies do Espírito Santo.

A região corresponde a 10% da área total de remanescentes de Mata Atlântica do Estado e é objeto de um estudo do Projeto Saberes da Mata, capitaneado pelo Instituto de Pesquisas da Mata Atlântica (Ipema), que analisa a viabilidade de implan-

tação de UCs em cinco áreas prioritárias (Santa Lúcia, Serra das Torres, Alto Misterioso, Santa Leopoldina e Delta do Rio Doce).

Na área em estudo foram encontradas 477 espécies florísticas, o que é um recorde para o Espírito Santo, além de uma grande diversidade de animais, inclusive vários ameaçados de extinção e até mesmos desconhecidos pela ciência.

O estudo, que foi iniciado em maio a partir de uma verba de compensação ambiental para instalação do mineroduto da Samarco Mineração, já apontou a necessidade urgente da área ser protegida devido à riqueza de sua biodiversidade.



A Serra das Torres, que abrange três municípios, tem grande variedade de animais e flores

RESULTADOS DO ESTUDO

Minerais

Os estudos geomorfológicos indicam que a área é ocupada predominantemente por rochas cristalinas pré-cambrianas, datadas de 600 milhões de anos. Esse complexo cristalino se estende em continuidade até os estados vizinhos de Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Flora

Os tipos de vegetação predominantes são: a Mata Atlântica, áreas agrícolas, pastagens, florestas primárias, mata ciliar, afloramentos rochosos e áreas em estágios inicial, médio e avançado de regeneração. Foram encontradas 25 espécies ameaçadas de extinção. Entre elas:

- **A Begônia** – Espécie muito comum e que está praticamente extinta. É grande o potencial para sua reprodução comercial;
- **O Palmito doce (*Euterpe edulis*)** – Que já foi abundante na região, a ponto de o teto da Igreja de Muqui ser todo feito com ele. Também tem potencial de ser reproduzido comercialmente, gerando renda.
- **Orquídea *Laelia tenebroa***

Fauna

• **Invertebrados:** O grande destaque foi para o grupo das libélulas, conhecidas na região como "papa-fumo". Foi observado um número grande de espécie, o que é um indicador de qualidade ambiental. A espécie *Leptagrion capixabae*, encontrada em um lugar com uma grande densidade de bromélias em paredões rochosos, só foi catalogada na Estação Biológica de Santa Lúcia, em Santa Te-

resa, e em Ibirajú. No grupo de vespas, foram encontradas 24 famílias (existem 74 no mundo). Entre as borboletas, estima-se que existam 29 espécies.

- **Aves** – Estima-se a ocorrência de pelo menos 200 espécies de aves. Com destaque para a saíra-apunhalada (*Nemosia rourei*), que é uma das aves mais raras do Corredor Central da Mata Atlântica.
- **Morcegos** – A região de Serra das Torres apresentou a maior taxa de riqueza de espécies por número de coletas do Espírito Santo, o que sugere uma alta diversidade de espécies na área. Já foram identificadas 16 espécies de morcegos, sendo que uma está na lista de extinção: o *Platyrrhinus recifinus*; além de uma ser considerada nova para a ciência.
- **Mamíferos não-voadores** – Foram registradas 35 espécies, sendo que oito estão ameaçadas de extinção, dentre elas: o Mono-carvoeiro ou Muriqui (*Brachyteles hypoxanthus*). Outras espécies ameaçadas são: a Onça-parda ou vermelha (*Puma concolor*), a Cutia (*Dasyprocta agouti*), o Macaco-prego (*Cebus robustus*), o Sauá ou Guigó (*Callicebus personatus*), a Jaguaritica (*Leopardus pardalis*), o Gato-mato-pequeno (*Leopardus tigrinus*) e o Caititu (*Pecari tajacu*).
- **Anfíbios e répteis** – Podem ocorrer na região sete espécies de répteis e nove de anfíbios ameaçados de extinção. Aliado a isso, podem existir 91 espécies de anfíbios, das quais 60% são endêmicas da Mata Atlântica. A *Euparkerella robusta*, até hoje, foi unicamente registrada para esta área.

Fonte: Instituto de Pesquisas da Mata Atlântica (Ipema)

OUTRAS ÁREAS VERDES NA BACIA

- **Parque Nacional do Caparaó** – Está na área de abrangência das bacias dos rios Itabapoana e Itapemirim. Seu maior destaque é o Pico da Bandeira – o terceiro mais alto cume do País, com 2.890m. Com uma área de 18.600 hectares, o parque tem terras no Espírito Santo (68%) e em Minas Gerais (32%).
- **Mata do Carvão** – Está localizada em São Francisco do Itabapoana e é um dos últimos fragmentos de flores-

ta de tabuleiro no estado do Rio de Janeiro.

- **Parque Municipal da UHE Rosal** – Fica entre os municípios de Bom Jesus do Itabapoana/RJ e Guaçuí/ES.
- **Manguezal** – Fica na desembocadura do Itabapoana, em Presidente Kennedy. Todo manguezal é protegido por lei e é considerado como área de preservação permanente.

Fonte: José Edmundo Victor, técnico administrativo do Consórcio da Bacia do Rio Itabapoana

Canoístas em defesa do rio

Uma importante iniciativa com o objetivo de minimizar os impactos causados pelo homem no rio Itabapoana foi a realização da 1ª Descida Ecológica, que ocorreu no último dia 29 de abril e contou com a participação de 22 canoístas.

Num percurso de cinco quilômetros em área urbana, entre as cidades de Bom Jesus de Itabapoana, no Rio de Janeiro, e Bom Jesus do Norte, no Espírito Santo, foi possível constatar a destruição da mata ciliar, o lançamento de esgotos no rio e a destinação inadequada do lixo, o que acaba contribuindo com o problema das enchentes.

"Buscamos conscientizar a população de que a solução para problema não está em ações pontuais, mas passa por um trabalho coletivo em diversos pontos do rio", declara Alberto Pêgo, presidente do Instituto Ecobacia, um dos responsáveis pela descida.

Dentre as medidas de curto prazo para conter as cheias, ele lembra a importância de se colocar em prática os Planos Diretores Municipais (PDMs), estruturar as Defesas Cíveis e elaborar projetos de engenharia.

Durante a descida, foram distribuídos para os participantes materiais de educação ambiental,

especialmente folder e camisa, juntamente com a divulgação de noções básicas de conservação ambiental de recursos hídricos.

Também foi realizada a documentação videográfica do evento, pela TV Assembléia, e a produção de fotografias que bem retratam os problemas ambientais que motivaram a realização da descida. A comunidade aplaudiu a iniciativa, que contou com a participação de pescadores e remadores das duas cidades envolvidas, além do Iema, da Associação Barrense de Canoagem (ABC) e do Consórcio do Rio Itabapoana.

Muqui do Sul desperta a atenção

Um dos mais importantes afluentes do rio Itabapoana do lado capixaba, o Muqui do Sul vai chamar a atenção da comunidade local, que discutirá os seus problemas e soluções durante o Fórum das Águas, que será realizado nos dias 3 e 4 de dezembro.

De acordo com o professor e

criador da ONG Alma do Rio, Paulo Randow, que já realizou várias incursões na região, no evento será lançado o Conselho Gestor da Bacia do Rio Muqui do Sul, que funcionará com as prerrogativas de um comitê.

"Por se tratar de uma bacia onde apenas uma cidade é responsável pela maior parcela de sua

degradação por esgotos sanitários e pelo despejo de toneladas de lixo em sua calha, acreditamos ser possível envolver a comunidade para mudar essa realidade", explica.

No último mês de julho, cerca de 70 pessoas, mobilizadas pela Alma do Rio e pelo Grupo Eco Trilhas, percorreram o Muqui do Sul da cidade de Mimoso até a foz do Itabapoana, mostrando o acelerado processo de degradação do manancial.

TULIO VON RANDOW



Defensores da natureza durante descida do Muqui do Sul

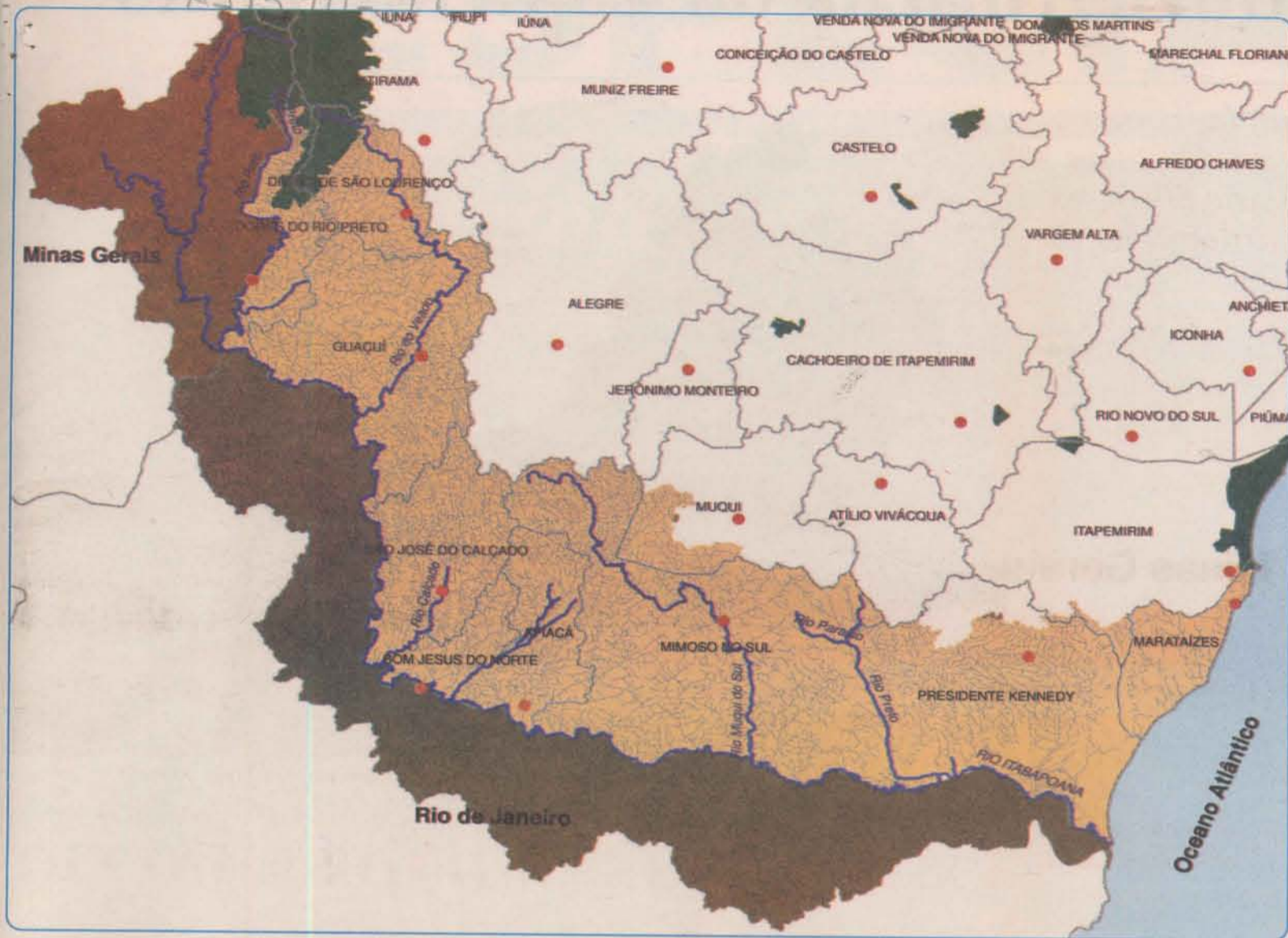
AS IMPRESSÕES

"Passando apenas por uma cidade grande, o rio Muqui do Sul chega com sua força, vindo da Serra dos Pontões, trazendo vida. Recebe de Mimoso do Sul: lixo, esgoto residencial, restos de construções, enfim, tudo que se quer descartar"

"Chegar ao rio Itabapoana vindo de seu afluente, o Muqui do Sul, foi uma das mais belas emoções que já vivi. Ao chegar na foz, sente-se a força do Itabapoana, que desce da Serra do Caparaó e segue ligeiro para o mar"

Professor e criador da ONG Alma do Rio, Paulo Randow

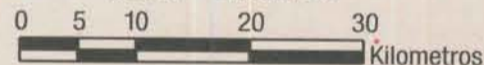
Bacia Hidrográfica do Rio Itabapoana



Legenda

- Limite Ottobacia 7717 - ES
- Limite Ottobacia 7717 - MG
- Limite Ottobacia 7717 - RJ
- Unidade de Conservação
- Limite Municipal
- Rios
- Sede Municipal

Escala - 1:700.000



Projeção Universal Transversa de Mercator
Meridiano Central - 39º GR. - Zona 24 Sul
Datum Horizontal - South American Datum 1969 (SAD 69)

“A água de todos nós”

FÁBIO AHNERT

O Projeto “Navegando os rios capixabas” dá uma importante contribuição para a população, na medida em que aborda as características sócio-econômicas, culturais e ambientais das bacias hidrográficas do Espírito Santo.

As informações contidas nos cadernos especiais ajudam a sensibilizar as pessoas e a formar uma consciência crítica e responsável com relação à água.

Conseqüentemente, todo o sistema de gestão de recursos hídricos do Estado ganha. Em cada caderno, estão reunidas as potencialidades e problemas de cada bacia hidrográfica.

Em meados da década 60, o Estado já havia perdido aproximadamente 70% de sua cobertura florestal. Atualmente, os índices são significativamente baixos, variando entre 6% a 12% de fragmentos dispersos, devido a um processo de mau uso do solo e ocupação desordenada pela ausência de planejamento.

Como conseqüência, grande quantidade de sedimentos está sendo carregada para o leito dos rios, perturbando o ciclo hidrológico, intensificando

os problemas de enchentes em épocas de fortes chuvas e diminuindo a disponibilidade hídrica em períodos de seca.

Soma-se a esse quadro o lançamento de esgoto sem tratamento em diferentes pontos. Felizmente, o sistema de gestão de recursos hídricos do Estado começa a funcionar de maneira mais intensa.

A criação dos Comitês de Bacia Hidrográfica (CBHs), o funcionamento do Conselho Estadual de Recursos Hídricos (CERH) e a estruturação do órgão ambiental do Estado, o Iema, foram fundamentais para a implementação de uma Política Estadual de Recursos Hídricos.

Com a formação de quadro de funcionários concursados, a equipe da Gerência de Re-

ursos Hídricos do Iema reuniu as condições técnicas e administrativas para o início da outorga (concessão pelo uso da água), em outubro de 2005.

Esse foi um passo importante no controle do recurso hí-

“As informações ajudam a formar uma consciência crítica e responsável com relação à água”

drico ao longo das bacias e, também, na garantia do direito a acessar a água com uma melhor justiça na sua distribuição, garantindo que todos

ANTONIO MOREIRA/AT



Equipe de servidores da área de Recursos Hídricos do Iema

possam ter acesso a esse recurso fundamental. Diversas ações estão em curso para melhorar a saúde ambiental de nossas bacias.

O Programa Águas Limpas busca aumentar os índices de tratamento de esgoto e de água, mas traz também projetos importantes para todo o sistema de gestão do Estado, como o cadastro de usuários, rede de monitoramento hidrometeorológico, capacitação para membros de comitês de bacia e elaboração de diretrizes para os planos de bacia a serem disponibilizados para os comitês.

Além dessas ações destaca-se a parceria entre os governos do Espírito Santo e de Minas Gerais para a recuperação da Bacia do Rio Doce. Atualmente trabalha-se no aperfeiçoamento da lei estadual de recursos hídricos e na regulamentação de mecanismos de incentivos e compensação a usuários e municípios que contribuem para a melhoria da disponibilidade hídrica.

O Iema estuda a criação de um fundo estadual de recursos hídricos para aplicação direta de recursos finan-

ceiros originados de possíveis fontes como os royalties do setor elétrico, o de rochas e o do petróleo nos projetos definidos pelos planos de bacia.

Ainda dentro das preocupações atuais foi criado o Fórum Capixaba de Mudanças Climáticas e do Uso Racional da Água, instituição preocupada em divulgar os impactos causados pelo aquecimento global no Espírito Santo.

A sociedade civil organizada está dando grande contribuição na mobilização junto aos comitês de bacia. Há muito que se fazer, mas essas diversas ações articuladas nos dão a esperança de que é possível fornecermos água de qualidade e quantidade às futuras gerações.

Parabéns a todos que colaboraram e tornaram realidade os cadernos do “Navegando os rios capixabas”, sem dúvida um grande apoio a uma causa tão nobre: a água de todos nós.



Fábio Ahnert é gerente de Recursos Hídricos do Instituto Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Iema)

Bacias hidrográficas do Espírito Santo

A113911.12



Projeção Universal Transversa de Mercator
 Meridiano Central - 39º GR. - Zona 24 Sul
 Datum Horizontal - South American Datum 1969 (SAD 69)

Escala - 1:1.600.000
 10 5 0 10 20
 Kilometros